

ARTIGO INSTITUCIONAL • AGROSOFIA E COOPERATIVISMO

DA ROÇA AO GRAMADO

O Futebol de Campo como Raiz da Agricultura Familiar, Espelho do Agro e Semente da Vida no Interior

Por Aínor Francisco Lotério

O futebol de campo e o mundo rural brasileiro partilham uma raiz mais funda do que a simples coincidência da palavra campo. Essa ligação atravessa a origem espacial do esporte, a formação das comunidades do interior, o auge dos campinhos coloniais e, mais recentemente, o esvaziamento provocado pelo êxodo rural e pela concentração da terra. Este artigo percorre essa trajetória para demonstrar uma tese central: o futebol comunitário é irmão da agricultura familiar, e ambos florescem ou definham juntos, sustentados pelo mesmo tecido de mutirão, vizinhança e pertencimento que dá sentido à vida no campo.

1. A RAIZ AGRÁRIA DO PRÓPRIO ESPAÇO DE JOGO

O futebol brasileiro germinou, literalmente, na várzea, termo agrário antes de ser esportivo: a planície fértil e alagável que margeia os rios. No Brasil, basta um local minimamente plano e tranquilo para reunir pessoas em torno de uma bola, e por isso a várzea foi o terreno fecundo para que comunidades ribeirinhas e do interior exercessem essa mistura de lazer, paixão e laços comunitários. Ali onde o rio inunda, a terra é plana e fértil. O mesmo solo que servia à roça servia à bola: o campo de jogo nasceu do campo de cultivo.

A evolução da agricultura e do futebol no Brasil se deu quase ao mesmo tempo, e as duas paixões cresceram lado a lado no início do século XX. O vínculo, aliás, é internacional. Muitos jogadores da seleção argentina têm origem em áreas rurais, e a liga francesa é apelidada pelos ingleses e espanhóis de liga de fazendeiros. O campo, em vários sentidos, sempre foi berço de craques.

2. O TERRITÓRIO COMO IDENTIDADE: A GEOGRAFIA DO PERTENCIMENTO

O campo de futebol é um instrumento de construção de território e identidade. Na leitura geográfica, os times de comunidade produzem consigo a identidade do espaço em que vivem e defendem. Diante das desigualdades e da exclusão, existe um movimento de apegar-se às raízes e à terra como reterritorialização: a terra torna-se imprescindível não só como recurso de sobrevivência, mas para a recriação de mitos e para manter viva a memória dos que partiram. Isso conversa diretamente com o campesinato: a afirmação do território é garantia da identidade e do sentimento do camponês, um espaço construído pelos camponeses e para eles.

Um estudo etnográfico traduz essa fusão de forma quase literal. Na aldeia de Renque Purga, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde, o mesmo campo de terra batida serve de manhã à lavoura e de tarde ao futebol: ali convivem ciclicamente futebol e agricultura, quase imperceptivelmente para quem passa. À semelhança do Brasil, é através do futebol que as comunidades se encontram, se organizam, celebram festividades, valorizam a cultura local e recuperam valores comunitários indispensáveis a uma sociedade com o mínimo de justiça e dignidade. O campo compartilhado, solo de plantar e de jogar, é a metáfora viva da Agrosafia.

3. O FUTEBOL COMO ENRAIZAMENTO DAS COLÔNIAS AGRÍCOLAS

No Sul, essa ligação ganhou forma étnica e cooperativa. O futebol chegou com os imigrantes e virou instrumento de sociabilidade nas colônias. Foi um elemento comum ao cotidiano de muitas cidades do sul do Brasil no início do século passado, uma manifestação de cultura e de sociabilidade ligada às massas locais. Nas regiões de colonização italiana e alemã, os clubes surgiram da prosperidade da lavoura. Cinco décadas após a chegada à serra gaúcha, os imigrantes já tinham riqueza advinda do trabalho com a terra e do comércio, e foi nesse contexto que nasceu, por exemplo, o Esporte Clube Juventude, fundado em Caxias do Sul em 1913. O próprio nome do clube, Juventude, é exatamente o que o futebol fixava na terra.

Um depoimento colhido em colônia italiana resume a hierarquia de pertencimento: primeiro é Deus, depois a família, e o clube é a terceira coisa. É a mesma tríade que estrutura a cultura do campo, fé, família e vínculo com a terra, e que ecoa a aliança plena entre Deus, o eu e a companheira de vida.

4. O AUGÉ: O CAMPINHO COMO PILAR DO ASSOCIATIVISMO RURAL

Os campeonatos coloniais e rurais são, ainda hoje, motores de associativismo. O Campeonato Colonial de Futebol de Campo reúne comunidades rurais e times tradicionais para valorizar o esporte amador, a integração e as tradições do interior. Em Parauapebas, no Pará, a competição reúne mais de trinta e cinco comunidades da zona rural, e a gestão local resume que, ao investir na base e cuidar dos espaços esportivos, semeia-se cidadania. A metáfora agrícola aplicada ao esporte não é retórica: é como as próprias comunidades entendem o fenômeno.

Em Montes Claros, em Minas Gerais, a síntese é direta: é na roça que a bola vai rolar, com apoio inclusive da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural. E o campo costuma nascer do mutirão. O futebol emergiu como prática que ia além do esporte, uma forma de apropriação do território na qual as pessoas limpavam terrenos, demarcavam campos e organizavam competições. Grande parte desses campos foi construída pelo esforço coletivo das comunidades que os circundam. Esse é o verdadeiro associativismo em ação.

5. O BRINCAR RURAL ENTRE GERAÇÕES: O QUE SE PERDEU NO CAMINHO

Uma pesquisa sobre o brincar na zona rural, comparando mães e filhas, mostra o futebol como brincadeira central em ambas as gerações, mas capta também a erosão. A distância entre as casas no campo tem potencial de isolar os indivíduos, fazendo a interação ocorrer sobretudo entre os próprios familiares. Com a queda da fecundidade e o encolhimento das famílias, a média de habitantes por domicílio despencou de uma geração à outra. Menos filhos, menos primos, menos vizinhos: menos gente para formar um time.

Somam-se a tecnologia e o medo. As mães apontam que as crianças hoje só querem brincar pelo celular e já não têm a cultura de sair correndo pelos matos, passar o dia inteiro e voltar apenas para comer. O campinho de terreiro esvazia-se por dentro, mesmo onde a família ainda resiste na terra.

6. QUANDO O CAMPO SE ESVAZIA: A SAÍDA DO POVO E O SILÊNCIO DOS CAMPINHOS

Aqui está o coração desta reflexão. Durante décadas, o Brasil assistiu a uma das maiores migrações de sua história, o êxodo rural, quando famílias inteiras deixaram o interior rumo às cidades em busca de trabalho, estudo e serviços. Cada família que parte não leva apenas suas malas. Leva um jogador, um torcedor, um mutirão, uma voz no coro da festa de domingo. E quando muitas partem, o que fica é o silêncio. O campo se esvazia primeiro de gente e, logo depois, de vida comunitária. As escolas rurais fecham, as capelas reúnem cada vez menos fiéis e o campinho, antes cheio aos domingos, vai sendo tomado pelo mato.

O esvaziamento tem um rosto e uma idade. Quem mais parte é o jovem, justamente a força que faz o time existir. Com a saída dos jovens, a população que permanece envelhece, e o campo perde não só braços para a lavoura, mas pernas para o jogo. Some-se a isso um dado silencioso: as moças costumam deixar o interior antes e em maior número que os rapazes, o que gera solidão, dificuldade de formar novas famílias e o enfraquecimento da vida social que sustentava as festas, os bailes e os campeonatos. Um campo sem juventude e sem famílias completas é um campo que perde a torcida, os padrinhos das equipes e os filhos que herdariam a camisa.

E por que o esporte, o lazer e o futebol entram nessa conta de forma tão profunda? Porque a decisão de ficar ou partir não se resolve apenas com dinheiro. A pesquisa sobre permanência no campo é clara ao mostrar que o que mais prende o jovem à terra não é o rendimento da lavoura, mas os laços familiares e os laços de amizade. Ora, é exatamente o futebol comunitário que fabrica e alimenta esses laços. É no campinho que o jovem tem amigos, namora, se sente reconhecido, veste a camisa do seu lugar e encontra uma razão afetiva para pertencer. Onde falta lazer, falta cultura e falta um espaço de encontro, o interior passa a oferecer apenas trabalho, e trabalho sozinho não segura ninguém. A ausência de opções de esporte e convivência é, reconhecidamente, uma das causas que empurram os jovens para a cidade.

Isso revela a relação mais funda entre o futebol e a vida no campo. O campinho não é um detalhe de fim de semana, é infraestrutura afetiva. Ele cumpre, no plano do sentido e do pertencimento, o mesmo papel que a estrada cumpre no escoamento da safra e que a energia cumpre na produção. Combate o isolamento geográfico, oferece à juventude orgulho do lugar de origem e transforma vizinhos dispersos em comunidade. Por isso, quando o campinho se apaga, não se perde só uma quadra de terra: perde-se um dos últimos motivos para o jovem olhar em volta e decidir que vale a pena ficar. Fechar o campo é acelerar o êxodo. Reabri-lo é plantar permanência.

O êxodo rural não começa quando falta emprego. Começa quando falta motivo para ficar. E poucas coisas dão mais motivo do que uma bola rolando, aos domingos, no campo da comunidade, com a família toda em volta.

7. O AGRO NO FUTEBOL: QUANDO O CAMPO VIROU PATROCINADOR

Há uma dimensão econômica contemporânea que fecha o círculo. O setor rural, responsável por parcela expressiva da riqueza nacional, tornou-se um dos maiores financiadores do esporte. Boa parte dos clubes das principais divisões mantém parceria comercial com o agronegócio, com empresas de fertilizantes, cooperativas, maquinário e instituições financeiras rurais nos uniformes e estádios, buscando aproximar o campo do consumidor final. Campanhas traçam paralelos entre o trabalhador do campo e o jogador da seleção, reforçando a imagem do Brasil como potência tanto na produção de alimentos quanto nos gramados.

Vários ex-atletas fecham o ciclo tornando-se produtores rurais, prova de que o campo permanece destino recorrente das trajetórias do futebol. E o paralelo chega à gestão. Há quem compare táticas de futebol e estratégias do setor, argumentando que o agro brasileiro joga na defesa, sólido e eficiente, mas poderia jogar mais no ataque, levando ao mercado global produtos de maior valor agregado e tecnologia limpa, do mesmo modo que os grandes times ousam à frente.

8. UM CONTRAPONTO NECESSÁRIO: DE QUAL AGRO ESTAMOS FALANDO?

Aqui é preciso honestidade intelectual, e ela reforça a causa em vez de enfraquecê-la. Existe uma distinção importante entre o agronegócio de exportação e a agricultura familiar. A grande agricultura é uma empresa nitidamente capitalista, produtora de mercadoria muitas vezes para exportação, o que pode debilitar o abastecimento do mercado interno. Já a agricultura familiar não é movida pelo produtivismo, mas pela intenção de obter valor de uso, o alimento e os bens que satisfazem as necessidades da própria família e da comunidade.

Isso importa para a tese do futebol porque os dois modelos se relacionam de modo oposto com o campinho. O agro de commodities que patrocina clubes de elite é o mesmo cuja concentração fundiária esvazia comunidades e faz sumir os campos

rurais. Já a agricultura familiar é a que sustenta o campinho, o mutirão e o campeonato colonial. O futebol de campo, no sentido comunitário aqui defendido, é irmão da agricultura familiar, e não do latifúndio. Fortalecer um é fortalecer o outro.

9. DA PELADA AO NEGÓCIO: A ALMA QUE NÃO PODE SE PERDER

Há ainda uma segunda morte, mais sutil, que atinge o futebol mesmo onde ele sobrevive: a captura pela lógica de mercado. Foi nos campinhos de comunidade que se forjaram os maiores jogadores brasileiros, com talento e, acima de tudo, muita personalidade. Na várzea e no terreiro, a pelada é intrinsecamente ação e liberdade: ação porque o jogo exige pensar, mover-se e decidir; liberdade porque não há limites para a criação e a improvisação. Ali os meninos existem no futebol, e não para o futebol.

Traduzindo para o mundo rural: assim como o modelo concentrador pode esvaziar a agricultura familiar, o futebol-mercadoria concentra a formação e esvazia o campinho. Áreas antes produtivas ficam ociosas; campos de terra viram estacionamento ou somem sob o mato. A mesma lógica que expulsa o pequeno agricultor expulsa o futebol lúdico. Preservar a essência do jogo é, no fundo, a mesma luta de preservar a vida no interior.

10. O QUE O FUTEBOL TEM A VER COM O AGRO, ENTÃO

Amarrando tudo: o futebol de campo e a agricultura familiar partilham o mesmo tecido social. Ambos se sustentam no mutirão, na vizinhança, no pertencimento, na sucessão geracional e na afirmação de um território. O campo de futebol é o espelho de lazer da mesma comunidade que a lavoura organiza no trabalho, e por isso os dois adoecem e saram juntos. Onde a agricultura familiar resiste e retém os jovens, o campinho resiste. Onde o êxodo e a concentração venceram, o mato tomou o gramado.

Por isso a retomada dos campeonatos rurais não é nostalgia: é política de fixação da juventude no campo tão legítima quanto crédito agrícola ou assistência técnica, porque ataca a dimensão afetiva do pertencimento, que é onde a decisão de ficar ou partir se decide. Ressuscitar o campinho é reflorestar o convívio, plantar de novo, no terreiro, a alegria de viver, a solidariedade e a união comunitária. É, no fundo, Agrosafia em campo: a mesma sabedoria que cuida da terra, cuidando das pessoas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo; CAMARANO, Ana Amélia. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. (Texto para Discussão n. 621). Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- BACCARIN, José Giacomo. Agronegócio ou agricultura familiar? A terra é redonda, 2025. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/agronegocio-ou-agricultura-familiar/>. Acesso em: 5 jul. 2026.

- BELLEI, Géssica Ziliotto. Êxodo rural da juventude: um estudo no Oeste Catarinense. Chapecó: UFFS, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- CANAL RURAL. Agro em Campo: projeto explora a relação do setor com o futebol. 2022. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/agricultura/agro-em-campo/>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- CHAYANOV, Alexander V. La organización de la unidad económica campesina. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.
- COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DAS VELHAS. Várzea, onde o futebol germina. Revista Velhas, n. 17, 2023. Disponível em: <https://cbhvelhas.org.br/novidades/varzea-onde-o-futebol-germina/>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- FAPESP. Como as mudanças urbanas redefinem o futebol de várzea. Revista Pesquisa FAPESP, 2024. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/como-as-mudancas-urbanas-redefinem-o-futebol-de-varzea/>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- FERREIRA, Vladmir A. da Silva. Agricultura e Futebol: resistências e ajustamentos no uso do território na aldeia de Renque Purga, Ilha de Santiago, Cabo Verde. Iluminuras, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 30-43, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/64558/37338>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- INFORMATIVO REGIONAL. Agronegócio e futebol: será que tem relação? 2024. Disponível em: <https://informativoregional.com/agronegocio-e-futebol-sera-que-tem-relacao/>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- OLIVEIRA, Rafael. Quando o futebol brasileiro perdeu sua essência? Outras Palavras, 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/quando-o-futebol-brasileiro-perdeu-sua-essencia/>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- RIBEIRO, Lucas Mendes. Futebol de várzea: espaço de insurgências. Trabalho de Conclusão de Curso. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://ludopedio.org.br>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- SILVA, João Lucas Soares; Ó, Ana Paula de Oliveira do. A várzea como identidade do espaço: o bairro Jardim Boa Vista e seu time amador. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2024. Anais. Disponível em: <https://www.cbq2024.agb.org.br>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- SILVEIRA, Raquel et al. O brincar na zona rural: um estudo intergeracional. Revista Brasileira de Ciências do Esporte / RTO-USP, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- STROPASOLAS, Valmir Luiz. O mundo rural no horizonte dos jovens. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- STULP, V. J.; CHIES, C. O futebol ítalo-germânico no Rio Grande do Sul. Lecturas Educación Física y Deportes (EFDeportes), n. 135 e 140. Disponível em: <https://www.efdeportes.com>. Acesso em: 5 jul. 2026.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério nasceu em 27 de janeiro de 1961, na comunidade de Campestre, município de Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de Auri Fábio Lotério e Érica Laurentino Lotério. Cresceu numa família rural do interior catarinense, onde o domingo tinha hora marcada, com a bola rolando no campinho da comunidade. Foi ali, entre os torneios que reuniam várias localidades, os clubes da juventude rural, as festas de padroeiro e os mutirões que mantinham o gramado aparado, que aprendeu na prática o que hoje chama de associativismo, o futebol como pretexto para a comunidade se encontrar, criar laços e pertencer a um lugar.

Formou-se em Agronomia e construiu longa carreira a serviço do meio rural. Atuou como extensionista rural do Juventude Rural, dedicando-se à formação dos jovens do campo, e como extensionista de vida rural e comunitária junto às famílias agricultoras. Foi gestor estadual do projeto e programa de motivação da juventude para a qualidade essencial na agricultura e na pesca, unindo esporte, cultura e organização comunitária como caminhos de permanência no campo. Complementou sua atuação como gestor público, sempre voltado ao desenvolvimento das comunidades do interior.

À base agrônômica somam-se a Filosofia, a Teologia e o Mestrado em Gestão de Políticas Públicas e Instituições, além das especializações em Psicopedagogia, Metodologia do Ensino Superior, Gestão de Marketing e Comunicação e Extensão Rural. É o criador da Agrosafia, filosofia de vida que integra as práticas agrícolas, os valores humanistas e a vida sustentável, e mantém a Chácara Agrosafia, projeto de reflorestamento com espécies nativas da Mata Atlântica na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú. Palestrante profissional, apresenta o programa de rádio Alegria de Viver desde 1989 e escreve sobre cooperativismo, agricultura familiar, gestão pública, família e longevidade, tendo a Agrosafia e o Cooperativismo como seus dois eixos temáticos centrais.

Palestrante Profissional • Agrônomo • Filósofo • Teólogo • Mestre em Gestão de Políticas Públicas e Instituições • Psicopedagogo • Diácono Permanente desde 2003